

Capítulo 40

Pela paz ambiental

Teimo em vos falar sobre a paz. Perdoem-me em bater sempre nesta tecla, mas meus ouvidos, mesmo aqui na espiritualidade, não ficaram surdos diante do clamor, cada vez maior, que ouço daqueles que são vitimados pela violência de toda sorte. Nos conturbados dias que vivemos, torna-se premente desviarmos a nossa atenção e verificar os destroços que a humanidade vem causando a seu próprio habitat, ao meio-ambiente em que vive, outro tipo feroz de violência, muitas vezes desprezado das discussões maiores sobre a própria violência.

Quando falo em meio-ambiente, não me restrinjo apenas à violência que desaba árvores imensas na Amazônia, ou em qualquer outro lugar, nem em dizimar matas inteiras de maneira cruel e fria. Falo também das questões ligadas ao dia-a-dia que passam despercebidas e que são voltadas basicamente para o desperdício de recursos. Não é possível mais vivermos com tanto desperdício. O mundo, embora seja absolutamente capaz de renovar-se e prover as nossas necessidades, não pode mais continuar a ser violentado da maneira como há anos vem sendo agredido pela força inescrupulosa do homem que, em nome do progresso econômico, colide de frente com a preservação dos bens

mínimos de sobrevivência.

A sociedade do consumo, que é a mesma do desperdício, necessita urgentemente abrir os olhos sob pena de, em poucos anos, não conseguir mais usufruir dos bens que lhes dá tanto prazer porque a maneira como são extraídos tais bens, sem o cuidado da renovação, fará aparecer outro tipo de extinção, além dos animais selvagens caçados, a extinção dos bens naturais não renováveis. E aí a indústria do consumo, que sabiamente manipula os seus interesses, haverá de substituir uma necessidade por outra, utilizando sutilmente os recursos da propaganda aviltante. Assim, sem conhecimento da estratégia que apenas visa lucros e mais lucros, iremos destruindo gradativamente a nossa natureza.

Ainda bem, meu Deus, que grupos ambientalistas se reúnem para denunciar este novo tipo de escravidão que nos impõe esta ótica capitalista de ver o mundo. Mudaremos os nossos hábitos de consumo quando observarmos, de uma vez por todas, que necessitamos garantir para as populações vindouras, no mínimo, as mesmas condições de recursos que recebemos hoje que – diga-se de passagem – já é diminuta, comparada com aquela que tínhamos há um século, por exemplo.

Quando será que o homem irá despertar para este outro tipo de violência e estampar nas manchetes da mídia, com o mesmo espaço, as mesmas notícias dos crimes comuns e as dos crimes ambientais? Crimes gigantescos têm sido cometidos diariamente e a grande massa ignora totalmente estes fatos. Quando ela saberá que as mudanças

climáticas desfavoráveis, os terremotos, os desequilíbrios ambientais, são pelos próprios homens? Não podemos ficar mais de braços cruzados vendo a destruição paulatina do nosso planeta.

Quando agredimos o nosso planeta, o meio-ambiente, agredimos a nós mesmos, pessoas humanas, e agredimos a Deus, porque descuidamos da casa que Ele nos confiou para vivermos bem. A preocupação ambiental, sobretudo nos dias de hoje, deveria estar presente em todas as escolas, das primárias às superiores. Será que teremos que ser prejudicados mais proximamente para despertarmos sobre esta necessidade premente? Não, claro que não. Os sinais de desperdício e agressão ao meio-ambiente já são terríveis a ponto de decretarmos alerta geral a humanidade.

Lembro, por esta razão, o comportamento sempre pertinente do nosso irmão queridíssimo de Assis, Francisco, que, mais uma vez, vem nos dar lições sábias de cuidado da natureza e veja que ele fazia isto há cerca de sete séculos atrás, quando o homem não era tão destruidor assim como é hoje. O Santo de Assis nos lembrava algo extremamente importante em prol da conscientização dos problemas ligados ao meio-ambiente: que todos nós somos irmãos e não apenas dos homens. Era engraçado vê-lo chamar a todos de irmãos. Irmão Sol, Irmã Lua, Irmã Mata, Irmão Leão, Irmã Água. A todos tratava como irmãos, porque sem o sentimento de irmandade, oriundo da concepção de que todo princípio de vida vem de Deus, como nós, não haveríamos de cuidar com zelo e distinção. Eram sábias e continuam oportuníssimas as palavras do Santo de Assis que nos despertava para um relacionamento de paz já naquela época,

com a nossa mãe Natureza, mais do que irmã.

A todos nós, sem distinção, nos dias atuais, somos chamados a esta responsabilidade. Não há mais como adiar, sob pena de sermos radicalmente prejudicados pela própria natureza que reage às agressões que sofre com muita veemência, pois não acham que os *tsunamis*⁴² e os furacões recentes, que dizimaram cidades e milhares de vidas, não são respostas imediatas à violência cometida à natureza?

Necessitamos, urgentemente, despertar para esta realidade cruel que, desavisadamente, os apologistas do capital vêm impondo a todos nós sob a falsa justificativa de um bem-estar que, no fundo, representa um engodo, pois se vende o prazer de hoje às custas da destruição do amanhã. Abaixo às armas, a corrupção de menores e venda de drogas, mas igualmente pedimos paz contra a agressão ambiental que também ceifa vidas de uma maneira surpreendente. Contra esta realidade, mais que violenta, também não podemos nos calar.

Caríssimos irmãos em Cristo, não nos acostumemos com aquilo que pode ser cômodo, mas não nos é saudável. Modifiquemos logo a nossa maneira de vestir, de se alimentar, se isso se constituir num ato de violência à natureza. Não deixemos de contestar, pelo não consumo, daquilo que se caracteriza como a violência das violências, que é aquela que existe para nos servir e indefesamente agredimos brutalmente, a nossa santa mãe Natureza.

⁴² Vaga (onda) marinha volumosa, provocada por movimento de terra submarino ou erupção vulcânica.

Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.

Continuemos atentos, vigilantes, diante das falsas justificativas a nós impostas a pretexto do cômodo bem-estar que representa, em última análise, uma sentença de morte anunciada. Cuidemos da natureza, cuidemos, essencialmente, de nós mesmos, filhos dela, filhos, na verdade, do Altíssimo, que nos cobra, tão-somente, o cuidado de irmãos que somos.

Avantes, irmãos, com o Cristo!